



GRANADA

Jordi Savall (d), La Capella Reial de Catalunya, Hespèrion XXI

Lisboa, Gulbenkian, dia 20

Fluindo como um rio de caudal transbordante, os sons tocados por Jordi Savall (Igalada, 1941) vêm de muito longe mas são muito atuais. Toda a História é história contemporânea, e foi essa atualidade que foi atentamente escutada no programa de duas horas em que a música ilustrou 500 anos atulhados dos choques religiosos e políticos entre três mundos — o muçulmano, o judaico e o cristão. E, como “a música é uma história viva da Humanidade”, segundo declarou o maestro catalão na reta final do concerto, o espetáculo foi um desfilar de poucas histórias de alegria e muitas, mesmo muitas, narrativas musicais de violência, tristeza e desgraça, “com algumas semelhanças com aquelas injustiças que continuam a ocorrer na Síria, Palestina e África, perante as quais não nos podemos calar para não sermos cúmplices”. Em abril de 2017, Savall concluiu o programa intitulado “Na Rota da Escravatura” com um excerto do livro de M. Luther King “Porque Não Podemos Esperar”. Agora, em 2018, o maestro catalão regressou para apresentar o património melódico-vocal do CD dedicado em 2013 ao reino de Granada, ocasião para confrontar o público com poemas, danças, baladas, decretos reais, crónicas dos reis de Castela e até com uma passagem do diário de Cristóvão Colombo. Ao longo do programa de 24 peças organizadas cronologicamente, a música como uma história de ideias e de conflitos foi interpretada pelos dois agrupamentos habituais que acompanham Savall desde há décadas e ainda por um punhado de músicos admiráveis, oriundos de Israel (Lior Elmaleh e Erez Shmuel Mounk), da Grécia (Dimitri Psonis), da Síria (Moslem Rahal e Waed Bouhasoun, a cantora que em Lisboa, há sete meses, foi protagonista de um brilhante recital no Panteão Nacional), da Turquia (Hakan Gungor e Yurdal Tokcan), da Arménia (Haig Sarikouyoumdjian) e de Marrocos (Driss El Malouni). Foi com *duduk*, *ney*, *kanun*, *oud*, *santur*, *saltério*, *charamela* e *guitarra mourisca* que o auditório se imbuíu das tradições e atmosferas musicais de batalhas entrecortadas por orações, pela recitação da carta do filósofo Maimónides e por lamentações hebraico-andaluzas.

/ ANA ROCHA